

A COMUNICAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

Joana T. Puntel*

Resumo

As redes sociais produzem profundas transformações na Comunicação; elas atingem a nossa vida cotidiana, sobretudo, a juventude. O comunicador cristão procura descobrir métodos novos para a sua pastoral. Visão geral – histórica das redes sociais e as redes sociais na atualidade. Nova esfera conversacional da internet. Os jovens como protagonistas da comunicação nas redes sociais. Redes sociais como espaço de interação. A comunicação passa por profundas transformações de linguagem e de método. A palavra de Deus e sua comunicação nas redes sociais.

Palavras - chaves: Comunicação: Redes sociais; Juventude. Mensagem cristã: Novos métodos pastorais. Linguagem: Interação. Palavra de Deus: Comunicação em Rede.

Abstract:

Social networks produce profound transformations in the communication. They shape our everyday life especially the youth. The Christian Communicator seeks to discover new methods to their pastoral care. General overview of the social networks and social networks in the present day. New sphere of the internet conversation. Young people as the main actors of social networks communication. Social networks as a space of interaction. The

* Doutora em Ciências da Comunicação pela *Simon Fraser University* (Canadá) e Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutora em Comunicação pela *The London School of Economics and Political Science* (Londres). Coordenadora de Jornalismo na FAP-COM. Orientadora e docente no Curso de especialização *latu sensu* Cultura e Meios de Comunicação: uma abordagem teórico-prática (SEPAC/PUC-COGEAE). Docente no ITESP. Membro da Equipe de Reflexão sobre a Comunicação da CNBB.

communication goes through profound transformations of language and of method. The word of God and its communication through social networks.

Key words: Communication: Social networks, Youth. Christian Message: New methods for ministry. Language: Interaction and new methods. Word of God: Networks communication.

As redes sociais digitais vêm alcançando, na sociedade atual, patamares não somente surpreendentes no sentido de avanços tecnológicos, mas introduzindo grandes e profundas transformações que tocam a própria natureza da comunicação. Seus processos comunicativos atraem cada vez mais, sobretudo a juventude, como o *lugar*: onde se está; se é; se vive. Em outras palavras, a Internet – Redes Sociais digitais – é parte integrante da nossa vivência cotidiana. Nesse ambiente, é preciso que o ser humano, especialmente o comunicador cristão, descubra, também, novos métodos de desenvolver a pastoral.

Visão geral-histórica

Quando se fala em redes, o senso comum atual leva a pensar nas redes sociais digitais. Entretanto, desde os primórdios da história da espécie *sapiens*, que somos nós, percebe-se que a vida foi uma longa e laboriosa aventura de construção de redes. Redes erigidas, construídas com base em instrumentos materiais e, muitas vezes, imateriais, pois no processo de comunicação, as redes permitem dialogar, capturar, conduzir, direcionar. Sobretudo, permitem compartilhar, distribuir *vida*, *conhecimento*. Assim, a mobilização de uma rede de amigos, as soluções discutidas, problemas a serem resolvidos de modo colaborativo.

Com o advento da modernidade e, por conseguinte, com a potencialização dos aparatos tecnológicos disponíveis, o lugar ocupado pelas redes foi ganhando cada vez mais centralidade social. Na verdade, o cotidiano das pessoas iria, a passos largos, ser afetado por redes que operavam a distância. Formam-se novos padrões de informação sobre o mundo, de compartilhamento. Basta pensar

nas grandes empresas, na organização das bibliotecas, por exemplo, o desenvolvimento da sociedade sempre mais articulada em rede.

Senso bíblico

Ao discorrer sobre o primeiro Testamento, são incontáveis, na história de Israel, as redes que se formavam, quer entre as doze tribos, quer entre o povo em geral, no sentido de buscar compartilhamento, partilha dos ensinamentos. Trata-se da formação do povo de Deus.

Já no Novo Testamento, a comunidade de partilha dos seguidores de Jesus, a expansão das comunidades, a ampliação da Igreja, com Paulo que forma as primeiras comunidades entre os pagãos. A Igreja, no seu peregrinar através dos tempos, formando uma grande rede, quer a nível oficial, quer na formação de pequenas comunidades, principalmente, as de base; o incentivo aos movimentos sociais, ao ajudar o povo a criar consciência de seus direitos e deveres, seja como cidadãos, seja como cristãos. É inegável, a existência de milhares de redes formadas para a partilha, o crescimento na compreensão e vivência da Palavra de Deus.

Redes Sociais na atualidade

Com o advento da Internet, porém, começa-se a viver em outro patamar da história. Entra-se, na verdade, no que chamamos de Cultura digital, ou cibercultura são nomes que marcam a cultura contemporânea, especialmente a partir da década de 70 do século passado, com o surgimento da microinformática. É a microinformática que vai dar o tom planetário, que ganha uma dimensão mais radical com o surgimento das redes. Trata-se da cultura do telefone celular, dos computadores, das redes, do micro-objetos digitais que funcionam a partir do processo eletrônico digital. Em outras palavras, a cibercultura seria a cultura contemporânea, onde os diversos dispositivos digitais já fazem parte da nossa realidade.

O que alterou substancialmente é a nossa relação com os objetos técnicos na atualidade. Por isso, a importância

de considerar que se trata de tecnologias não apenas da transformação material e energética do mundo, mas elas permitem a transformação comunicativa, política, social, cultural, religiosa. Pois conseguimos transitar informações, bens simbólicos, não materiais, de uma maneira inédita na história da humanidade.

Entra-se, então, em uma **nova esfera de conversação**, com as redes sociais digitais. Está se forjando *um novo sujeito* na sociedade, onde permanecem necessidades fundamentais do ser humano, mas modificam-se rápida e profundamente a sua forma de se relacionar. É o que constitui o aspecto antropológico-cultural da mensagem de Bento XVI em seu tema *Novas tecnologias. Novas relações* (2009).

Assim que, falar de Cultura digital implica acompanhar a evolução não somente das teorias de comunicação, o aspecto tecnológico, mas dos paradigmas pelos quais passa o processo da comunicação até chegar ao momento atual, este que vivemos e que chamamos de Cultura Digital. Isto significa não somente conhecer e compreender o momento atual; mas a exigência de um olhar que percebe a necessidade de uma mudança de mentalidade nos processos comunicativos, que toca profundamente o desenvolver, o atuar o binômio comunicação/evangelização. Entretanto, o *fazer* comunicação dentro e para fora de uma instituição, no nosso caso, *evangelizar*, deve estar plantado, enraizado em uma condução que se baseia em diretrizes advindas do Magistério da Igreja, como o fio condutor que dirige e que dá as orientações; que mantém a unidade e que avança no diálogo entre fé e cultura – e isto significa atenção, aquisição e prática de novos processos comunicativos.

Nesse diálogo entre fé e cultura, na sociedade atual, em que vivemos o fenômeno da Cultura Digital, surge, também um *novo sujeito*, em suas relações, exigências comunicativas; enfim uma cultura que requer uma nova lógica, ou seja, uma nova maneira de aprender, de ensinar, como a realidade contextual vem-nos compelindo e, muito sabiamente nos adverte o Papa Bento XVI, em uma de suas mensagens para o Dia Mundial das Comunicações: *Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*:

As novas tecnologias estão a mudar não só o modo de comunicar, mas a própria comunicação em si mesma, podendo-se afirmar que estamos perante uma ampla transformação cultural. Com este modo de difundir informações e conhecimentos, está a nascer uma nova maneira de aprender e pensar, com oportunidades inéditas de estabelecer relações e de construir comunhão.¹

O eixo fundamental, portanto, reside no fato de compreender o que significa encontrar-se diante de uma verdadeira *revolução* tecnológica que exige ir além dos instrumentos, e tomar consciência das *mudanças* fundamentais que as novas tecnologias operam nos indivíduos e na sociedade, por exemplo, nas relações familiares, de trabalho, entre outros. A questão não se coloca, portanto, entre o aceitar ou rejeitar. Estamos diante de um fenômeno global, que se conjuga com tantos outros aspectos da vida social e eclesial. Assim, recordamos as palavras de João Paulo II: *Não basta usar (os meios) para difundir a mensagem cristã..., mas é preciso integrar a mensagem nesta nova cultura criada pela comunicação social.*²

Entra-se, então, em uma *teoria interacional* da mídia, uma vez que as mídias comunicacionais não se reduzem aos aparatos técnicos usados para transmitir informações de um indivíduo a outro. Usando as mídias comunicacionais, hoje, com o avanço das novas tecnologias, novas formas de agir e de interagir são criadas. Importante compreender a nova esfera conversacional, nas redes sociais digitais, que não acontecem mais no modelo de comunicação linear, ou seja, um processo unidirecional em que um emissor envia uma mensagem a um receptor (comunicação de massa). Nas redes sociais, tecnologicamente mediadas, são vários os produtores, são múltiplos os intérpretes. Na verdade, o modelo comunicacional unilinear entra em crise, pois a Web 2 (e já avançando para a 3), as pessoas *constroem, produzem* o conteúdo à sua maneira. Este é um dos traços essenciais por que as redes atraem tanto os jovens, por exemplo – eles podem fazer à sua maneira.

Nesse sentido, a sociedade percebe e se percebe a partir do fenômeno da mídia, agora ampliado para além dos

¹ Bento XVI, Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital. Mensagem para o 45º Dia Mundial das comunicações sociais (5 de Junho de 2011). Disponível em http://www.vatican.va/holy-father/benedict_xvi/messages/communications/documents/hf_ben-xvi_mes_20110124_45th-world-communications-day_po.html.

² João Paulo II, *Redemptoris Missio*. São Paulo: Paulinas. 1991, n. 37c.

dispositivos tecnológicos tradicionais. Por isso, é possível falar da mídia como *locus*, como *lugar* da compreensão da sociedade. Isso é tão imperioso que a posição, então revolucionária, do *palco à plateia* perde seu sentido e é superada. Agora existe um teatro de arena, onde não mais se fala de palco e de plateia, pois é impossível pensar uma realidade sem palco, uma vez que ele abarcou tudo. As pessoas não distinguem mais a sua vida separada do palco, sem ele. Se um aspecto ou fato não é midiaticado, parece não existir.

A comunicação nas redes é uma ***cultura participativa*** que contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtos e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos, agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras que nenhum de nós, realmente, entende por completo. Surgem, então, as chamadas *comunidades virtuais*. A necessidade de interagir, e com a disponibilidade dos dispositivos tecnológicos, incentiva a busca de relacionamento com quem tem interesse afins, daí as conversas girarem entre pontos comuns – a formação das *comunidades*, resultando em *novos pertencimentos*.

Pontos importantes a serem destacados.

Como se trata de um fenômeno novo e, ainda, em estudo, as respostas para o comportamento nas redes também não são conclusivas, visto a novidade que se apresenta diariamente. Entretanto, alguns pontos fundamentais são necessários para compreendermos, inicialmente, a questão das redes:

- a rede é um ambiente que muda. Pode-se dizer que a internet é uma realidade que faz parte da vida cotidiana. Passou o tempo de considerá-la como algo *frio*, simplesmente técnico. Hoje é um lugar que se frequenta para compartilhar, por isso, *nova esfera* conversacional.

Portanto, a internet não é um instrumento, mas um ambiente, um espaço que vai se integrando cada vez mais na vida cotidiana. E isto significa um novo contexto existencial, por isso, dizemos *novo sujeito*. Nesse ambiente nos movemos, existimos. E aqui surge um grande desafio para a Igreja.

ja: a rede não é um meio de evangelização.. É um *lugar de evangelização*, um ambiente no qual se é a si mesmo até o fim, um lugar onde a fé vira vida. Daí que o verdadeiro desafio da Igreja é viver a Rede como um espaço de experiência. Portanto, não se trata de *usar* bem a rede, mas de *viver bem os tempos a rede*.³ E isto requer a formação humano-cristã da pessoa. Como eu vou *estar* nas redes? Trata-se então, de educar a pessoa, desde a família, na catequese, para os princípios fundamentais da verdade, da autenticidade, uma vez que é essa pessoa que vai se manifestar nas redes.

As palavras de Bento XVI convidando os cristãos *a unirem-se confiadamente e com criatividade consciente e responsável na rede de relações que a era digital tornou possível; e não simplesmente para satisfazer o desejo de estar presente, mas porque esta rede tornou-se parte integrante da vida humana*⁴ demonstram a atualização do Magistério da Igreja para desenvolver o diálogo entre fé e cultura no mundo atual. Sem dúvida, continua Bento XVI,

a web está contribuindo para o desenvolvimento de formas novas e mais complexas de consciência intelectual e espiritual, de certeza compartilhada. Somos chamados a anunciar, neste campo também, a nossa fé: que Cristo é Deus, o Salvador do homem e da história (...).

É preciso levar em consideração de que os maiores protagonistas dessa mudança da comunicação são os jovens

com todas as ansiedades, as contradições e a criatividade própria de quantos se abrem com entusiasmo e curiosidade às novas experiências da vida. O envolvimento cada vez maior no público areópago digital dos chamados social network, leva a estabelecer novas formas de relação interpessoal, influi sobre a percepção de si próprio e, por conseguinte, inevitavelmente, coloca a questão não só da justeza do próprio agir, mas também da autenticidade do próprio ser.⁵

Se, por um lado, as redes sociais na internet possibilitaram uma interatividade, mais ainda viabilizaram a intervenção, a participação ativa e mesmo interativa dos parceiros digitais, por outro é preciso considerar que as redes sociais SÃO ESPAÇOS de interação, lugares de fala, construídos pelos atores de forma a expressar elementos de sua persona-

³ Antônio Spadaro, Seminário Nacional de Jovens Comunicadores, maio de 2012. Ver A. Spadaro, *Ciberteologia. Pensar o Cristianismo nos tempos de rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

⁴ Bento XVI, *Verdade, anúncio e autenticidade de vida, na era digital*, op. cit.

⁵ *Ibidem*.

lidade ou individualidade. Portanto, uma característica forte (entre outras, pois não é a única!), considerada relevante é a característica da expressão pessoal ou personalizada na Internet. Há um processo permanente de construção e expressão da identidade por parte dos atores do ciberespaço, onde as apropriações funcionam como uma presença do *eu*, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. É como se houvesse um imperativo da visibilidade, uma necessidade de exposição pessoal.

Daí que o Magistério da Igreja nos adverte que comunicar a Palavra de Deus através das novas mídias significa não só inserir conteúdos religiosos nas plataformas dos diversos meios, mas também estar, ser, testemunhar com coerência no próprio perfil digital e no modo de comunicar, escolhas, preferências, juízos que sejam profundamente coerentes com o Evangelho, mesmo quando não se fala explicitamente dele.⁶

⁶ *Ibidem.*

- Considerando as transformações no processo de comunicação, a maneira de comunicar passa por profundas transformações de linguagem, mas também de métodos. A cultura participativa, sobretudo com as redes sociais, impõe uma revisão nos métodos pastorais, assim como o vem exigindo nos sistemas de ensino e na reorganização da sociedade, em geral.